



Aquiles Faneço

*“Ser músico
não é.*

Acontece.”

“Sou Jazzista na Alma” Cmaj7/D D7

Por Aline Vilaça

A Revista Contemporâneos, vinculada ao NEPCON- Núcleo de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade- UFV/ USP- tem o prazer de entrevistar um músico que segundo previsões da Revista Cover Guitarra se transformará, em breve, em um dos grandes nomes da guitarra brasileira. Trata-se de Aquiles Faneco. Hoje coordenador pedagógico da EM&T- Escola de Música e Tecnologia- na unidade de Campinas, cuja formação musical começou aos 12 anos e especializou-se no GIT (Guitar Institute of Technology) em Los Angeles.

Sua criação musical tem influências do Jazz, Blues, Funk e da MPB. Em 1999 lançou o cd autoral “Músicas de Guitarra” elogiado pela crítica das revistas Guitar Player, Cover Guitarra, Guitar Class e The Pacific Times Journal de San Diego. Seu novo trabalho autoral “Roots” (2008) foi gravado ao vivo em dois canais e mostra muito quem é Aquiles Faneco, pessoal e musicalmente.

Sem mais apresentações prévias a Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades tem o prazer de entrevistar nesta edição - que tem como dossiê o tema Global e o Local na Cultura - Aquiles Faneco, discutindo sua carreira e seu fazer artístico neste contemporâneo mundo em que sua música, seguindo a tendência híbrida e inovadora de nosso tempo, contempla as necessidades e os desejos do homem moderno que no local transita e respira as ondas digitais do global.



Contemporâneos - Quem é o guitarrista Aquiles Faneco?

Aquiles - Bom, a guitarra me norteia, me sinto bem é com a guitarra na mão.

Particularmente, é mais fácil conhecer o guitarrista do que a pessoa. Devido ao fato de ter me envolvido com a música muito cedo, a guitarra de certa forma tem um lugar muito importante na minha vida. São quase 30 anos de contato com este instrumento.

Passsei por várias fases. A própria adolescência de encantamento com a música que foi onde eu deixei a coisa bater, rolar, e acabei escolhendo como profissão. Depois comecei a entender um pouco como a coisa funciona, e parti para uma preocupação tanto com a carreira como com o estudo.

Algo que fazemos na música de forma paralela é não só trabalhar com a música própria, mas com a música de outras pessoas e com estilos diferentes de música, assim estamos sempre aprendendo alguma coisa.

Por exemplo, sempre que toco com alguém aprendo algo diferente. Felizmente é uma coisa bem ilimitada, não dá para dizer que tem um fim.

Contemporâneos - E Aquiles Faneco, natural de Rio Claro, de família essencialmente e profissionalmente artística, quem é?

Aquiles - Então [risos] Acho que é difícil a gente dizer quem a gente é. Se olharmos para a nossa família, poderemos identificar várias semelhanças, observar de onde viemos. Eu saí um pouco cedo de casa, morei em lugares diferentes, mas eu sempre carreguei essa questão familiar e essa grande influência comigo.

Minha mãe teve um papel muito importante em tudo isso. Desde criança tive um contato com a arte através dela, através dos quadros, porque ela é pintora e restauradora. As questões das artes plásticas sempre foram algo muito familiar, quando era garoto, achei que até fosse seguir alguma coisa relacionada ao desenho, artes plásticas, publicidade ou arquitetura. Mas logo me interessei pela música, e esse contato direto com as artes plásticas, de certa forma foram me proporcionando, ensinando e construindo um senso estético, que acabei usando na música.

Este convívio familiar do, como você disse, “Aquiles rio-clarense” é legal, e fundamental para o Aquiles



les guitarrista, porque eu me sinto bem em casa com elas, minhas irmãs e minha mãe. Conversamos sobre várias coisas, museus, obras, viagens, e nos entendemos muito bem, é essencial, apesar delas não serem musicistas, sempre tem alguém da família que influencia.

Também não posso deixar de citar que meu avô, Aquiles, tocava sanfona. Ele teve quatorze filhos, onze mulheres e três homens, mas nenhum tocava. Como eu sou o último neto - minha mãe é caçula - acabei tendo esse link com ele, não só no nome, mas também na música. Assim acho essa influência familiar fundamental.



Contemporâneos - Como foi sua formação musical?

Aquiles - Eu comecei a estudar violão com 12 anos. Na verdade, entre 12 e 13 anos de idade eu queria ser o Elvis! [risos] Eu ouvia muito Elvis Presley e achava que eu podia ser como ele. Tinha um violãozinho que pintei de preto e coloquei uns negócios brancos para ficar parecido com o dele.

Comecei a estudar com o Rogério Cerri, músico de Rio Claro que me mostrou muita coisa legal, mostrou a Guitarra, o violão. Depois eu precisava ler partitura, e comecei a fazer violão clássico em Rio Claro com o senhor Silvio dos Santos.

Em seguida fui para o conservatório de Tatuí onde não permaneci por muito tempo, porque não era a música erudita meu caminho, na mesma época tive uma experiência com o contrabaixo acústico na Orquestra Sinfônica de Rio Claro que depois se transformou numa orquestra escola do maestro Pedro Camerom. Foi um período legal, fiquei 5 anos com a música erudita, mas não era o que queria, sempre gostei de criar, de improvisar, então essa coisa de ficar só reproduzindo da música clássica, nunca me atraiu tanto, nunca foi o grande barato para mim. E como eu já tocava guitarra paralelamente, o contrabaixo foi ficando de lado.

Assim fui para Campinas e comecei a estudar com algumas pessoas, tive aulas com Max Calcante, depois Milton Regina.

Fui para São Paulo e estudei com Jarbas Barbosa que é guitarrista da banda Mantiqueira, depois estudei com mais alguns músicos, fiz muitas aulas particulares. Bom, depois dessas aulas que eu fiz com esses guitarristas importantes aqui no Brasil, de peso na música instrumental que não são tão conhecidos na mídia, mas são estudiosos.

Em seguida, fui para os EUA, para uma escola que desde moleque via nas revistas e sonhava em estudar lá. Foi uma experiência muito enriquecedora. Foi muito interessante ter ido, primeiro porque tive contato com os meus ídolos, os caras que eu só conhecia em disco de vinil - na época o CD ainda estava chegando. [sorriso saudoso]

E depois eu acabei podendo chegar perto dos caras, fazer aulas com eles. Podendo entender melhor a guitarra e minhas influências. Porque culturalmente, mesmo sendo brasileiro, do interior de São Paulo, por gostar do Jazz, do Blues e do Rock, que são estilos extremamente americanos; minha influência musical sempre foi

muito norte-americana.

Nos EUA no primeiro momento o importante foi me aproximar desses músicos que são referências mundiais, e como disse, conhecia só por disco. Um deles é Scott Henderson, um cara que na época, já há quinze anos, era famosíssimo tocando guitarra no mundo inteiro. Pude chegar perto dele e ter aulas.

Então, foi fundamental ter este contato com a fonte, com a raiz, porque nós guitarristas brasileiros nos sentimos meio solitários, visto que a guitarra é um instrumento que não tem uma tradição no Brasil. A viola caipira é brasileira, o violão já tem uma linguagem interessante aqui no Brasil ao contrário da guitarra.

Então, torna-se necessário nós irmos para fora do país, para chegar perto dos criadores desta linguagem musical.

Foi muito enriquecedor por isso, principalmente em termos de produção musical. Como os EUA é um país que tem um incentivo maior para produção artística como um todo, as coisas acontecem mais, são mais amplas, mais ricas, são mais exploradas, não tem muito limite. Ter esse contato foi muito bacana.

Fui ao estúdio da Capitol Records, por exemplo. Ver um negócio daquele tamanho foi fantástico. É um absurdo, um mostro de estúdio, apto para atender tamanha demanda de produção.

Voltei e fiquei alguns anos estudando o material que eu trouxe de lá.

Depois fui a São Paulo fazer um curso com o músico Cláudio Leal Ferreira, que hoje é expert em harmonia aqui no Brasil. Estudei durante um ano e meio. Não eram aulas voltadas para guitarra, foi um estudo mais aprofundado em música, baseado no piano, o que foi muito enriquecedor.

E continuei, como todo músico, sempre estudando, comprando livros, observando outros métodos, vídeo-aulas, este estudo contínuo ajuda na construção pedagógica, e auxilia muito ao dar aula.

Hoje meu estudo está mais direcionado e relacionado à composição. Já não tenho mais o tempo, por exem-



plo, de estudar seis horas de guitarra por dia. Então acabo estudando quando estou compondo, quando de repente estou tendo alguma idéia musical, mesclando um pouco da questão composicional e da técnica. Uma coisa depende da outra, assim que acaba rolando.

Contemporâneos - No momento de decidir "O que você vai ser quando crescer?", natural de em um país extremamente sensível artisticamente, swingado e musical, mas que infelizmente não valoriza como desejamos nem como merecem seus artistas, você duvidou da possibilidade de viver de música?

Aquiles - Tive as dúvidas como qualquer garoto tem. Quis ser aviador, marinheiro, jogador de basquete, tive as dúvidas normais. Mas a música não demorou muito para ser definida, eu me entreguei. E quando tinha de 17 para 18 já comecei a trabalhar profissionalmente, entendi que era apenas isso que eu gostaria fazer na vida. Mesmo em fases difíceis nunca pensei em desistir. Talvez a gente entre nesse jargão popular que ser músico é difícil, que seria melhor arranjar um trabalho e tocar como hobby. É meio inadmissível para mim. No meu caso não teria como fazer de outra maneira. E foi bom assumir cedo o que se quer, é melhor porque se tem tempo de estudar para ter um futuro mais promissor.

Contemporâneos - A arte com seu poder transformador, sensibilizador, apaixonante, por vezes corruptor como afirmaria Platão, tem como uma de suas inúmeras possibilidades transformar sentimentos abstratos, subjetivos e invisíveis em elementos mais próximos da realidade pelas mãos, pelo corpo, pela alma e entrega do artista, provocando mudanças de estado não só naquele que faz mas também naquele que aprecia. Mesmo como profissional da arte, ou seja, não apenas preocupado em saciar e extravasar seus mais recônditos sentimentos e desejos, mas diante da necessidade de garantir sua sobrevivência econômica, mesmo como coordenador pedagógico, ainda dá tempo de se inundar na paixão artística e fazer arte por prazer e necessidades subjetivas?

Aquiles - Vou responder essa pergunta misturando as duas primeiras. Apesar de existir uma separação racional no trabalho que faço na coordenação na EM&T- Escola de Música e Tecnologia, que possui o âmbito pedagógico e um âmbito administrativo. Todas as vezes que você está frente a um projeto que envolve material didático, cursos, professores, você tem o lado pedagógico, mas também estão envolvidas questões financeiras, logísticas, assim você acaba tendo que ser administrador ao mesmo tempo.

Porém, não deixo de estar presente como artista neste momento. Eu me divido, mas acho que o que me ajuda na administração é a criatividade do lado artístico, porque não posso esquecer que estou fazendo um trabalho administrativo com música, assim estou sempre pensando nos dois lados.

Mas o que me dá mais prazer, o que me move, o que faz sentido na minha vida, realmente é compor e improvisar. Tenho determinados trabalhos, mas no fundo eles acabam congruindo para isso. Sei lá, é como você estar na fila de banco, com seu Ipod ou seu notebook, e você usa aquele tempo pensando e, por vezes, criando outras coisas que realmente lhe interessem.

Portanto não existe desperdício de tempo quando você está com a cabeça na arte, pois o tempo todo você está aproveitando e pensando em arte. Às vezes estou no trânsito, ouço uma buzina, essa buzina para mim pode ser uma nota, um ritmo, ou também estou pensando em coisas da vida, coisas comuns, que também demandam raciocínio, mas eu tento canalizar as coisas para isso, então o aproveitamento do tempo, o envolvimento acaba que, mesmo em uma situação que não é legal, você está criando alguma outra coisa. Por vezes

também estou dando aula, e dentro da aula tenho uma idéia musical, e depois tento lembrar, pegando rapidinho o instrumento.

Contemporâneos – Segundo a Revista Guitar Class, da Editora Talismã, seu primeiro CD “Música de Guitarra” ao contrário do que o título sugere inicialmente, “é um trabalho em que a guitarra convive com muita tranquilidade e equilíbrio com todos os outros instrumentos, proporcionando um resultado moderno e agradável”. Conte-nos um pouco deste primeiro trabalho e de como é seu trabalho de composição?

Aquiles - Este título surgiu porque fiz todas as músicas partindo da guitarra. A princípio eu não sabia como eu iria fazer, se seria em trio, ou em quarteto. Por fim acabei convidando vários músicos para tocar. E este acabou sendo um comentário interessante para quem coloca esse nome, pelo nome parece um trabalho de guitarra solo, mas foi apenas um primeiro disco que me identificasse como guitarrista. Estava na capa segurando a guitarra e tal.

Sobre o processo de composição acho que a composição tem dois aspectos que são importantes. Um é o intuitivo outro é o mais teórico, o mais cerebral. Quando eu descobri que eu conseguia fazer música, que havia algum sentido naquilo que eu estava fazendo, que eu tocava e as pessoas gostavam, entendi que tem coisa que vem sem explicação, vem no momento mas por algum motivo. Por exemplo, você ouviu um disco e daí o mesmo o disco volta a sua cabeça de outro jeito e você consegue traduzir isso do seu jeito, e tem também a forma mais cerebral quando você tem uma idéia e você senta e a desenvolve. É um trabalho que pega a matéria prima que é o intuitivo, mas que desenvolve um caminho mais próximo e dentro das formas mais tradicionais de se fazer música.

Contemporâneos - Falando em composição, o Jazz tem vários encantos, que vêm desde swing dos descendentes de escravos afro-norte-americanos, de seus lamentos das pesadas lavouras que levaram ao Blues, da sensualidade das prostitutas de New Orleans, da liberdade do Free Jazz, da bossa do Cool Jazz. Encantos como as vozes aveludadas das grandes cantoras e do virtuosismo técnico dos músicos, sejam eles das Big Bands ou dos Clubs. De fato grandes encantos, encantos estes que encontramos nas nuances de sua música. Você se considera Jazzista, você classificaria sua música mesmo correndo o risco de limitá-la ao rotulá-la?

Aquiles - Isso é uma discussão inte-



ressante. Sou jazzista na alma, por que gosto de improvisar, e a improvisação é o espírito, a pulsão do Jazz. Mas não me acho um jazzista executor, porque para você tocar e ser jazzista, principalmente no Brasil, você deveria ser mais fidedigno ao estilo. O jazz é dividido mais ou menos de 10 em 10 anos, e cada década tem um nome relacionado ao estilo que aconteceu no movimento: a década de 30 Swing, 40 Bibop, depois Cool Jazz, depois Free Jazz, Electric Jazz, mas a palavra Jazz está junto por que ela carrega a improvisação.

É muito difícil rotular, principalmente porque quando a gente rotula limita um pouco a liberdade. Porém podemos pensar, por exemplo, você rotula para quê? Para informar as pessoas, para se vender, para estar em algum lugar. Afinal, o que você faz, quem você é?

Acho que hoje faço um trabalho que consideraria World Music, porque o Brasil sofre influência global, o Brasil tem essa qualidade, está tudo acontecendo, você pode ouvir em geral, muito de tudo.

Eu não tenho um estilo definido em que trabalho apenas com ele, estudei muitos anos o Jazz para entender direito o funcionamento da harmonia e da improvisação. E talvez seja o estilo mais rico nesse sentido, foi o que mais me deu conhecimento. Mas adoro música Pop, Salsa, Música Latina, Funk, Black Music. E por gostar de muita coisa, poder ter experimentado várias coisas e não ter ficado numa coisa só, acabei ficando nessa característica que chamamos de fusão, ou "Fusion".

Contemporâneos - O improviso é uma característica do Jazz, mas além de uma prova de domínio técnico e talento, acredito que para o artista o improviso não só tem aquele gosto inexplicável do inesperado, da adrenalina do risco, mas também é um momento em que o interprete se deixa levar pelo sentimento, pelas paixões, onde encontra o perigo de se entregar por demais, ao ponto de se mostrar o mais próximo do que possa ser sua própria verdade, o perigo de vulnerabilidade de dar-se quase que por completo. Como é improvisar para você e de que forma é necessário para suas composições?

Aquiles - Apesar do nome, quando estamos improvisando estamos lidando com uma questão matemática, com as notas, escalas, acordes, e o acordo destes elementos todos. Então para ficar a vontade para improvisar você precisa ter o conhecimento e domínio desses elementos.

É como fazer uma comida. Tendo todos os ingredientes em cima da mesa você sabe o que cada um vai dar, o gosto, o sabor, a densidade, se é amargo, se é doce. Agora, a mistura é você quem faz. Então é meio isso, na improvisação você toca a sua maneira, temos os modelos que a vida toda estudamos, por exemplo, o Scott Hernderson, que era um modelo para mim, e ainda é. Depois de um tempo a gente começa a se livrar dos modelos, mas eles estão presentes, eles fizeram a história antes. Muita gente fala "ah, o Jimi Hendrix não tinha técnica nenhuma", mas ele foi o Jimi Hendrix ele teve sua importância naquele momento, tem uma importância histórica.

A improvisação é um desafio sempre, quanto mais você improvisa, mais se improvisa. Cada vez você mergulha mais, vê mais possibilidades e que há um terreno muito vasto a ser explorado. É um caminho meio que sem volta, tem que ter paixão para improvisar, tem que gostar de fazer aquilo. Existem alguns músicos que têm essa afinidade com a improvisação, e têm alguns músicos que o grande talento deles é de copiar, são excelentes copistas, tocam igual a qualquer pessoa, e isso é impressionante, e pra isso tem que ter um enorme conhecimento técnico, porém se você pede para este grande intérprete improvisar, ele não consegue.

Contemporâneos - Em seu show você cantou algumas músicas, se não me engano cantou Stevie Wonder. Muito se fala sobre o guitarrista Aquiles, porque o cantor não está nas páginas da web?

Aquiles - Eu acho que o canto é o instrumento mais maravilhoso de todos, porque está ligado diretamente no ser humano. Eu não me vejo como um cantor não. Tento usar a voz às vezes como um efeito, um vocalize, ou quando tem uma imposição, uma barganha do local. Mas o canto não é algo que tenho intimidade.

Contemporâneos - Em 2008 você lançou o CD "Roots". Como base para os shows menores acompanham você Andrés Zúñiga, no contrabaixo, e Fábio Bergamini, na bateria. (em Rio Claro na bateria estava Edu Longuim). Como foi a contribuição destes parceiros nos arranjos, e na realização do álbum?

Aquiles - Nada acontece sem os parceiros. Nós já tocávamos muito juntos, por um ano, eu, o Andrès e o Fábio, [o Fábio logo que lançamos o CD foi contratado pelo Madredeus está em Portugal] e a contribuição é total. Eu tenho as idéias na guitarra, já tenho mais ou menos o arranjo na cabeça, proponho, e eles vão entrando na música e a música sofre modificações a partir deles. Mesmo se um já tiver uma idéia preconcebida, nunca vai ficar só como imagina. É sempre muito enriquecedor, rola uma química muito boa, é como um relacionamento, você tem cumplicidade, rola confiança, joga para o time, você não compete, são caras que sabem trabalhar em grupo e me deixaram a vontade para fazer o que eu quisesse e acredito que seja recíproco, conseguimos ter uma produção bacana, eles são fundamentais.

Contemporâneos - Pesquisando a palavra Roots, para formular hipóteses do porque este nome para seu cd, após tantos anos da gravação do primeiro, agora que você já está numa fase mais madura de sua carreira, encontrei várias coisas. Por exemplo, em 1996 o Sepultura lançou seu 6º cd e chamava-se Roots, onde eles expuseram com mais clareza sua origem, e como o Brasil os influenciava. Encontrei também um filme com esse nome, e uma banda The Roots da Filadélfia, que também traz uma mistura musical, mas tem como matriz o Hip Hop. Por fim, ao confirmar no dicionário encontrei o que eu desejava e suspeitava. Trata-se da raiz, da Origem, da matriz. Ouvindo a deliciosa mistura de sotaques do cd, cheguei na conclusão que poderia afirmar que é um álbum que traz ao meu ver o que você como intérprete, interpreta como aquilo que nutre, que dá sustentação, base, firmeza, que belamente se multiplica, se ramifica, e abre caminhos a procura do que necessita. Realmente quem ouve "Roots" ouve suas raízes?

Aquiles - Sim, esse nome veio por que usamos muito esse termo no meio musical. Porque a indústria fonográfica passou por modificações nos últimos 30 anos, e principalmente nos últimos 15 anos com o avanço tecnológico muito grande, antigamente um estúdio era um local com construção e equipamento adequado. Hoje com os computadores com os softwares de gravação, e com a internet onde as pessoas podem colocar seus trabalhos na rede, qualquer pessoa pode ter um estúdio em casa, isso facilitou de mais, e isso é um lado positivo, as pessoas não vão até um estúdio pagar 60, 90 reais, para fazer um trabalho amador ou até mesmo profissional. Às vezes os profissionais optam em ter seu próprio estúdio, então eu já experimentei várias coisas, já gravei com um side man, o processo de gravação foi ficando fake, foi ficando muito instantâneo: "ahh, não canto muito bem", "não tem problema não a gente afina aqui", "ahh a guitarra desafinou" "não faz mal a gente tem um monte de plugs aqui e afinamos aqui".

Essa questão quando a gente fala que o som é roots, é que ela é da raiz, é que é aquilo mesmo sem maquiagem, não tem produção, não tem nada. Assim, quando eu resolvi gravar com dois microfones, além da questão da raiz, os anos se passaram, estou mais antenado, mais a vontade para tocar, mais tranquilo, e me autorizei a tocar coisas que não tocava há um tempo atrás. O sistema como foi gravado é quase como um vinil, por isso o som do CD parece sair de um vitrola. Isso foi roots, foi ligar o microfone, "gravando", o que está, está. Tem

erro, não está perfeito. Mas resultado é muito verdadeiro, queria passar a sensação de estar no bar e ouvir o cara tocando.

Contemporâneos - Para finalizar, o que é ser músico? E que dicas você daria aos jovens que querem a arte como profissão?

Aquiles - Ser músico não é, acontece. E você tem que deixar acontecer, tem que permitir uma entrega, uma devoção. Em algum momento você tem que parar tudo na sua vida para se dedicar. E é muito bom ser músico. E tem que aprender a conviver com a instabilidade. E estar bem psicologicamente. E uma dica é respeitar muito o instrumento que se toca. Procurar um bom professor, uma boa escola, mas, principalmente, o respeito. Você está servindo algo maior que você. Também é importante a humildade e saber aonde você quer chegar.

A Revista Contemporâneos agradece a disponibilidade e atenção de Aquiles Faneco, parabeniza-o pelo excelente trabalho, e agradece a Casa da Cultura de Rio Claro - SP e diretamente a Ilidia Faneco, por ceder o espaço para a entrevista.

A Revista Contemporâneos agradece a disponibilidade e atenção de Aquiles Faneco, parabeniza-o pelo excelente trabalho e agradece a Casa da Cultura de Rio Claro - SP e diretamente a Ilidia Faneco por ceder o espaço para a entrevista.